



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o Primeiro-Ministro da Turquia, Recep Tayyip Erdogan**

**Palácio Itamaraty, 27 de maio de 2010**

**Jornalista:** Ok. Boa tarde, Primeiro-Ministro, boa tarde, presidente Lula. Do Primeiro-Ministro eu queria saber se o presidente Barack Obama deu algum sinal, uma carta ou um telefonema, algum sinal antes do fechamento do acordo, assim como fez com o presidente Lula e, se nesse encontro reservado de vocês, vocês trataram de pontos pendentes nesse acordo com o Irã, como, por exemplo, as inspeções da ONU.

Ao presidente Lula, eu gostaria de saber: essa carta que chegou ao senhor, do presidente Obama, duas semanas antes, sinalizava várias sugestões para que o Brasil encaminhasse esse acordo fechado com o Irã. As sugestões foram acolhidas, o acordo foi fechado, e depois disso a reação dos Estados Unidos foi apresentar propostas de sanções no dia seguinte. Hoje, a embaixadora dos Estados Unidos na ONU deu uma declaração minimizando essa carta do presidente Obama para o senhor. Como é que o senhor viu isso, como uma quebra de confiança, como uma provocação? E eu gostaria de saber se o senhor puder responder para a gente a respeito da declaração do candidato José Serra em relação à cumplicidade com os bolivianos.

**Presidente:** Olhe, primeiro, não deveria ser vocês da imprensa que estivessem fazendo perguntas para o Primeiro-Ministro e para mim, e nós fazermos algumas perguntas para vocês nos ajudarem.

Se, em outubro do ano passado, o documento assinado por nós – Turquia e Irã – era o que a Agência reivindicava; se, o documento que nós assinamos – Turquia, Irã e Brasil – está muito próximo da carta que o Primeiro-Ministro e eu



recebemos, por que, depois de fazermos o que a Agência e o Conselho de Segurança da ONU, o Conselho Permanente, deveriam ter feito e não conseguiram fazer, por que não aceitar o que está no documento firmado em Teerã? Não (falha no áudio), não temos procuração de ninguém – e não queremos ter – para tratar da questão nuclear do Irã. A queixa que havia era a de que tinha uma desconfiança generalizada do Irã e afirmavam que o Irã não queria sentar à mesa para negociar e que o Irã não cumpria o que prometia. O que o Primeiro-Ministro e eu fizemos, junto com os nossos ministros das Relações Exteriores, foi mostrar para o governo iraniano a importância de sentar à mesa e conversar. E isso foi colocado no documento, com data, ou seja, sete dias para fazer o comunicado à Agência Internacional; depois de ouvir a resposta da Agência, 30 dias para depositar 1.200 quilos de urânio levemente enriquecido na Turquia; e, depois, um ano para receber 120 quilos de urânio em forma de combustível. Era tudo o que eles queriam e foi tudo o que nós fizemos.

Agora, é preciso que as pessoas digam claramente se querem construir possibilidade de paz ou querem construir possibilidade de conflito. A Turquia e o Brasil são pela paz. O Brasil tem, na sua Constituição, a proibição da construção de armas nucleares.

Eu disse, por telefone, ao presidente Sarkozy: possivelmente, se no Conselho de Segurança da ONU, nos membros permanentes, tivesse países que não têm armas nucleares, possivelmente a possibilidade de fazer acordo seria muito maior. Acho que o Irã está cumprindo, até agora, aquilo que acertou com a Turquia e com o Brasil. Vamos aguardar a resposta da Agência e vamos saber quais serão os próximos passos a serem dados.

Essa questão de sanções ou não-sanções, vamos aguardar. A Agência tem a carta do Irã, leia, estude, discuta. A única coisa que eu posso dizer, se eu puder dar conselho a alguém, é que só haverá acordo se quem estiver em volta da mesa, negociando, sair de casa de manhã para negociar com a



cabeça aberta para negociar. Eu não conheço de negociação nuclear, mas passei dois terços da minha vida negociando. E se a pessoa que vai negociar como interlocutora de um país, de uma cidade ou de um sindicato, não estiver disposta e com boa vontade de fazer acordo, não haverá acordo. Portanto, é preciso arejar a cabeça dos negociadores, é preciso que eles saiam de casa pensando na paz e não na guerra, que saiam de casa pensando no diálogo e não no confronto, que não façam apenas o diálogo daqueles que utilizam da sua prepotência para não negociar.

Eu, às vezes, Primeiro-Ministro, me sinto constrangido porque aqui, no Brasil, tem uma fábula que diz que tinha uma raposa embaixo de uma parreira, olhando um cacho de uva suculento, e essa raposa tentou pegar a uva, durante muito tempo, e pulava, pulava, e não conseguiu pegar a uva. Depois que não conseguiu pegar a uva, a raposa falou: “Ah, a uva não presta mesmo”, e foi embora.

O que aconteceu conosco foi a mesma coisa. Nós fizemos o que eles estão tentando fazer há muitos anos, alguns países há 30 anos, nós conseguimos fazer, porque as pessoas precisam aprender que a política do século XXI exige mais parceria, mais transparência e mais diálogo. Com truculência a gente não resolve nem os problemas dentro da casa da gente, em família.

Bem, eu acho que nós demos um sinal. Foi dado, espero que a Agência tenha a sabedoria de entender o momento político, que tenha a sabedoria de entender o gesto do Irã, que tenha a sabedoria de entender o sacrifício que foi feito pela Turquia e pelo Brasil. E eu quero, aqui de público, agradecer ao Primeiro-Ministro da Turquia pela disposição, pela competência, pela solidariedade e pela seriedade com que tratou deste acordo.

Bem, as disputas que estão havendo nos artigos de jornais – política, armas nucleares, religião, e mais, futebol – se não tiver divergência não vale a pena discutir o assunto. Então, vamos deixar as pessoas discutirem os prós e



os contras para ter um processo de maturação e a sociedade mundial vai tendo noção do que aconteceu efetivamente. Eu tenho certeza de que aqui no Brasil, quando eu saí para Teerã, alguns amigos meus diziam: “Presidente, é uma jogada muito difícil, e se não der certo? O senhor estará jogando fora o prestígio adquirido”. Primeiro, que eu não faço política atrás de prestígio, segundo, eu sou daqueles seres humanos que prefiro ser criticado porque eu fiz uma coisa do que ser criticado por omissão. E eu dizia aos meus companheiros: eu quero deitar a cabeça no travesseiro com a consciência tranquila de que não me omiti em um caso sério como esse da questão nuclear do Irã.

Por isso eu quero agradecer a solidariedade do governo da Turquia, do Primeiro-Ministro, e o trabalho extraordinário que o seu ministro das Relações Exteriores fez junto com o companheiro Celso Amorim.

(\$31DFGJLMP)